

O ENUNCIADO O GIGANTE ACORDOU E SUAS MARCAS DISCURSIVAS NO IMAGINÁRIO NACIONAL

Anderson de Carvalho Pereira *

Resumo:

O artigo apresenta a análise discursiva de reportagens e comentários a estas em torno do enunciado “o gigante acordou” evocado nas manifestações de rua de junho de 2013 no Brasil. O dispositivo teórico-analítico mobilizado é fundamentado principalmente nas noções de sujeito, discurso e sentido da Análise de Discurso franco-brasileira, a partir de autores como Pêcheux, Orlandi, Nunes e Tfouni. Para isto, foram analisados seis recortes que resgatam, entre a estrutura e o acontecimento da língua nacional, parte do imaginário sobre “ordem”, “progresso” e “atraso”.

Palavras-chave: Hino nacional; Discurso; “o gigante acordou”; Sujeito; Sentido.

Résumé:

Cet article montre les résultats d’une analyse discursive d’un corpus formé a partir des reportages et des commentaires des internautes par rapport aux événements du mois de juin 2013 au Brésil, surtout sur l’énoncé « le géant s’est levé ». Le dispositif théorique-analytique mobilisé est fondé surtout sur des notions de sujet, discours et sens dans le cadre théorique d’Analyse du discours franco-brésillienne (chez Pêcheux, Orlandi, Nunes, Tfouni). L’analyse en unités discursives a montrée, entre structure et événements de la langue national, une région du imaginaire sur « ordre », « progrès » et « retard ».

Motclés: Hymne national, Discours, « le géant s’est levé »; Sujet ; Sens.

Introdução

Os caminhos e os percalços da captura de um significante que nos é caro (ao analista, mais precisamente) e que provoca questão ao mesmo tempo em que ressurge como um empuxo ao passado não se mostram de forma simples. Pode ser

* Doutorado em Psicologia pela USP, com estágio no CENEL-Centro de Estudos dos Novos Espaços Literários na Universidade de Paris XIII. Atualmente, Professor Adjunto do Departamento de Ciências Humanas, Educação e Linguagem (campus Itapetinga) e do Mestrado Acadêmico em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação (campus Vitória da Conquista) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia sob regime de Dedicção Exclusiva e Líder do Grupo de investigação sobre narrativas, práticas letradas e discursos (GRINPRALED/CNPq/UESB). Foi Professor visitante (convidado) da Universidade Nacional de Córdoba, na Argentina (2015); coordenador do GT de Alfabetização, leitura do Encontro Regional de pesquisadores em Educação do Nordeste da ANPED (2016). Contato: apereira.uesb@gmail.com.

entendido pela dialética entre razão e intuição, pela indução da mirada micro engendradora das convulsões políticas, em alguns momentos mais aviltadas e menos disfarçadas como as do Brasil contemporâneo. As análises aqui apresentadas resultam do retorno da enigmática paráfrase “o gigante acordou” repetida *ad altum* nas manifestações de rua do Brasil em junho de 2013. Nosso objetivo foi analisar de que modo a repetição do enunciado “o gigante acordou” em comentários e debates de internautas, ao mobilizar redes de sentido inscritas na memória discursiva, remexem com lugares estabelecidos sobre a percepção de “ser brasileiro” no imaginário nacional. É de sua circulação e do modo como remexe o imaginário nacional que vamos tratar neste artigo.

1. O dispositivo teórico-metodológico

O gigante que acorda na tradição greco-romana pode ser um titã enfurecido com o que não enxergava até então ou também alguém que ainda não tinha percebido como deve(ria) ser bom alcançar Ítaca; na versão abrasileirada, tem que se haver com Pásargada.

Problematizamos inicialmente este levante, não apostando que o enunciado “o gigante acordou” seja somente uma voz que emerge do povo nas ruas, mas que apresenta um jogo engendrado em uma região do imaginário marcada pelo peso simbólico da apropriação do espaço público pelas elites oligárquicas. Ou seja, a superficialidade lingüística deste enunciado remexe a memória nacional e toca questões da unidade lingüística bem como do acontecimento discursivo da língua.

Trata-se, por isso, de um enunciado em aberto, à deriva dos acontecimentos de junho de 2013. Em meio ao “sem nome” (expressão nossa) e ao que já foi estabelecido no interdiscurso permite evocar parte de seu processo de inscrição na memória. Isto porque o acontecimento político não cessa. Em busca de lidar com esta zona de tensão, determinada pelo político, entre uma pista deslocada de uma parte do *corpus* fortalecedora da língua nacional (o hino nacional) e o cotidiano marcado por um real da História, propomos uma análise que leva em conta a deriva do sentido em torno do retorno da paráfrase “o gigante acordou” em meio aos acontecimentos políticos de 2013, para tentar responder: de que lugar do imaginário se trata? Para isto, analisamos um *corpus* formado por enunciados dispersos e circulantes pela *web*. O exercício para o estabelecimento desta marca interpretativa como se nota é venatório, postura por excelência de uma análise indiciária (GINZBURG, 1989).

Diante desta provocação inicial, junto às lembranças dos cartazes e das vozes nas ruas, a quadratura do hino nacional foi tomada como eixo organizador da formação do *corpus*, à medida da repetição do enunciado “o gigante acordou”.

Pêcheux (1993) explica que similaridade e semelhança são truques do imaginário embebidos da leitura dominante feita pelo Empirismo Lógico, a partir da qual se teria uma possibilidade de controlar as contingências e estabelecer numa faixa de domínio causal, parâmetros de recorrência de um enunciado por outro que nada mais operam que o fortalecimento da ilusão do “sempre-já-aí” constitutiva do efeito ideológico elementar.

Em outras palavras, no calor dos acontecimentos de junho e 2013, o efeito de “como se” todos falassem a mesma língua com o mesmo sentido para “o gigante acordou” e a possibilidade também ilusória de fazer “como se fosse eu” já que “faria o mesmo se estivesse no seu lugar (aí na rua)” pode ser considerada uma artimanha, um truque do imaginário que, a despeito dos desencontros entre parte e todo e das lacunas do simbólico, fazia parecer que as reivindicações eram as mesmas, que as demandas eram pela “mesma causa” na “mesma rua” (expressões nossas).

Mas o que causa é o que falha (PÊCHEUX, 1993); ao mesmo tempo que tenta tampar uma falta, contornar uma falha, o sentido provoca questão. Uma questão, ou várias questões coletivas, marcadas pela aparência de voz única recoberta pela paráfrase de parte do hino nacional não poderia deixar de lado esse efeito de anterioridade na distribuição de sentidos em torno de “gigante”.

Cabe perguntar se, tal como naturalizado pelo imaginário, o gigante é o povo que acordou para combater a corrupção. Ou grupos que sempre se apropriaram pela natureza da luta de classes no país do espaço e das questões públicas com interesse privado? Não temos uma resposta. Mas podemos discutir do ponto de vista discursivo em que medida estas interpretações languageiras convivem com as marcas do acontecimento político numa zona de tensão com a estrutura da língua. Partindo do pressuposto de que todo enunciado tem natureza política e de que no cotidiano o sujeito estrategista também inscreve marcas ao mesmo tempo que é assujeitado pela língua entre a estrutura e o acontecimento (PÊCHEUX, 1997), elegemos o retorno do enunciado “o gigante acordou” como indício de formas de interpretar o cotidiano que ressalta algumas vozes discursivas já presentes no imaginário nacional e cala outras.

Por conta destas questões e da paráfrase que marca o eixo organizador do *corpus* destacamos inicialmente o trecho do hino nacional: *Gigante pela própria natureza/És belo, és forte, impávido colosso/E o teu futuro espelha essa*

grandeza/Terra adorada (Hino nacional brasileiro, escrito por Joaquim Osório Duque Estrada, grifos nossos).

Passemos às condições de produção, no sentido elaborado por Pêcheux (1993) de uma interface entre o alcance mais imediato e de evidência da enunciação linguageira e o modo como as brechas ainda em aberto para uma interpretação em zonas de tensão e embate discursivo obrigam a remexer os mecanismos do discurso transversal (interdiscurso) com o plano da articulação mais linear (intradiscurso).

É sabido que a construção do hino nacional em meio à construção de outros símbolos nacionais teve forte herança do positivismo catequizador do militarismo constituidor dos primeiros anos da República. Sendo assim, há a marca de um sentido de cientificismo das ciências chamadas naturais. Há algo de teleológico em jogo quando se trata de esperar (com racionalidade) o futuro, na linha da ciência “natural” que controla as causas e as variáveis para obter resultados.

Conforme Orlandi (2001) as ciências ditas naturais recobrem a realidade a partir de um discurso “natural”, no sentido de uma literalidade a ser enunciada a partir de um acesso privilegiado aos arquivos, posto que transparente e com acesso direto à dimensão do real. Coracini (2007), por sua vez, argumenta que o mito da neutralidade é o que fortalece os mecanismos persuasivos do discurso da ciência, destacando que ambos têm força persuasiva marcada pela retirada da relatividade da argumentação. Ao argumentar sobre o que denomina discurso científico primário e discurso político militante, uma asseveração da autora que nos parece valiosa para o *corpus* aqui analisado é: “a crise política reduz o papel das instituições vigentes, assim como na ciência a crise reduz o desempenho de um determinado paradigma. Quanto mais se aprofunda a crise, mais diverge a opinião pública” (CORACINI, 2007, p. 46).

Com um olhar concêntrico para o nosso *corpus* formado por comentários veiculados na *web* e que tomam como eixo parafrástico o enunciado “o gigante acordou” podemos afirmar que o paradigma da ordem dado pelo Positivismo arraigado ao ideário republicano parece ruir ao mesmo tempo que se refugia em evidências ideológicas que procuram não deixar esmorecer parte de um ideal de unidade nacional. Não adiantamos a análise do *corpus*, mas resgatamos ao leitor que a definição de ordem social se filia a uma rede de sentidos no Brasil que resgata uma zona de sentidos inscrita sobre republicanismo ao supor que a “ordem” para a elite oligárquica continua a ser lida como apelo à manutenção do *status quo*.

Os ideais republicanos de fins do século XIX requeriam um Código Civil estabelecido, para assim inspirar respeito e solenidade à proporção que apareciam dizeres no cotidiano indicadores das contradições, como aparece em diálogo do herói hostilizado pelos propagandistas da República: “[...] O Brasil...Que somos nós? [...] Somos um povo que ri, quando devia chorar!” (VASCO LIMA, 1913 *apud* SALIBA, 1998, p. 300); ao mesmo tempo, a República aparece idealizada na Vênus que recebe “uma versão modernizada, que funde a alegoria republicana no ideal da beleza desportiva” (SEVCENKO, 1998, p. 568).

A obviedade da grandeza de um gigante tal como marcada no hino não contornou por completo a brecha materializada também em outra paráfrase, agora do trecho “teu futuro espelha essa grandeza” presente no hino nacional e inseria no debate de Sweig (1941) em “Brasil, país do futuro”.

Sevcenko (1998) e de certa maneira isso se reflete em Sweig (1941) discutem a marcada presença no imaginário nacional de um espírito republicano projetado “à perfeição”, idealizado, e que tenta contornar conflitos sociais e políticos para sustentar sua própria imagem idílica. A contradição e o conflito fazem parte de qualquer unidade nacional, passam pela construção de identidade lingüística nacional. Como afirma Pfeiffer (2001, p. 182): “Sabemos que é parte constitutiva de todo processo de organização social em torno de uma unidade identitária a busca por uma unidade lingüística”.

Pela AD, sabemos que esta cooptação pela unidade e pela totalidade também é uma marca do imaginário; ao mesmo tempo que alimenta a ilusão de unicidade e igualdade, o imaginário registra o sujeito a partir da aparência de uma eliminação da dúvida e da ambigüidade. Em tese todos saberiam que futuro é este, no sentido da unidade provocada pela ideologia.

Neste ponto, vale acrescentar que um dos nossos pressupostos é que a unidade convive com o “não todo”; afinal, não se fala a mesma língua; sob a unidese entrecruzam formações imaginárias sobre quem é/são o(s) “brasileiro(s)”, o que o(s) (des)une. Ocorre, portanto, que atravessadas pela marca do imaginário nacional, há marcas anteriores; as que se referem ao imaginário da preguiça, por exemplo, que remonta às matrizes de sentido vista pelo olhar do colonizador (NUNES, 1997). Voltaremos a isto. E há outros movimentos do sentido no imaginário, na tensão do sentido com a língua e com a unidade dada pelo hino nacional, a saber, posições-discursivas conflitantes, à deriva dos enunciados.

Em AD, a conjuntura histórica aponta fragmentos de tensões políticas em que a interpretação aparece em meio à constituição da linguagem e do sentido. Deste ponto, passamos ao fato de que há diferentes formas de injunção à interpretação consolidadas sócio-historicamente, em face das quais os sujeitos emergem no nível do formulável do ponto de vista enunciativo, por um campo de possibilidades tenso, restrito e afetado por evidências (ideológicas) e posições simbólicas (ORLANDI, 2003).

Por ser lacunar, o simbólico permite a mudança de posição. Como assim? O que seria uma posição simbólica? Tal como um jogo em que há pelo menos um posto vazio, a ser intercambiado, o simbólico permite movimentos de preenchimento, com aparente saturação do sentido, bem como rupturas mais drásticas com o *status quo*.

É a partir desta concepção de prática interpretativa que o analista (pesquisador) forma um *corpus* e lida com os dilemas da análise. Conforme Orlandi (2003) a própria decisão estratégica de qual parte recortar para inserir na questão que inicialmente marca a contradição, questão do analista por excelência, já é interpretativa. Assim, *corpus* e análise se formam conjuntamente. Este movimento “terá consequências cruciais para o objetivo do trabalho. É só quando finalizamos a análise e passamos a sua escrita (para os leitores) que ela adquire a organização (já administrada) que separa: quadro teórico, corpus, análise, resultados” (ORLANDI, 2003, p.15).

Diante de nossa questão principal, optamos por uma sinalização no buscador *google* “o gigante acordou manifestações de junho 2013”. Por meio de recortes, de unidades de sentido mobilizadas em torno de uma questão (ORLANDI, 2001) organizamos nossa análise.

2. Análise do corpus

Inicialmente, elegemos recortes “soltos” que indicavam o retorno do enunciado “o gigante acordou”. No decorrer da análise, percebemos a inscrição de uma ordem de repetibilidade em torno de questões ligadas à imagem do brasileiro sobre si mesmo, questões ligadas à auto-percepção atravessadas pelo imaginário da unidade (efeito ideológico) junto de tensões discursivas filiadas a uma rede de memória sobre identidade nacional. O objetivo da análise foi o de buscar na memória discursiva estas regiões inscritas como zonas de sentido sobre a unidade nacional, o “ser brasileiro”, a imagem de um lugar e suas alteridades.

O primeiro e o segundo recorte discursivo que trazemos indicam uma zona de sentidos que remete a pelo menos dois lugares do interdiscurso, a saber: a narrativa do viajante estrangeiro no período colonial, bem como a chegada dos ideais eugenistas a partir de meados do século XIX. Para acompanharmos como estes sentidos foram mobilizados, começamos pela análise conjunta destes (doravante, R1, R2, etc.).

R1 - AKI NA BAHIA NOS BAIANOS VAI FAZER A MSM COISA¹.

R2 - Pare com isso, baiano protesta e depois corre na sombra se esconder do sol deitado na rede.²

R1 mostra o comentário de um internauta que se refere à atitude que dá título à reportagem (“Torcida emociona ao cantar hino nacional, e parte protesta de costas”). Em seguida a este primeiro comentário, é instalada uma zona de sentidos marcada pela evidência semântico-ideológica da preguiça e da desonestidade (cujo implícito está em “vamos ser honesto”, no R4) ligada a um suposto atraso nacional, que se estende das marcas linguísticas “Bahia” e “baianos” para “povo marcado” (R3) e à estagnação da “mentalidade do brasileiro” (R4). Queremos adiantar que organizamos esses recortes em torno da zona de sentidos que remonta ao modo como o Brasil e os brasileiros são significados no jogo das formações imaginárias determinadas pelo alcance político das redes sócio-históricas do sentido na formação da auto-percepção do período colonizador (NUNES, 1994).

O modo como o comentário mostrado em R2 retoma o primeiro comentário feito por outro internauta remete às narrativas de muitos viajantes europeus que pelo Brasil passaram e se empenharam em traçar uma imagem de suposto atraso materializada no campo semântico da preguiça, do horror ao trabalho sob o sol, do uso da rede para descanso como fuga do trabalho (NUNES, 1994; MASIERO, 2005).

R3 – ‘POVO MARCADO POVO FELIZ’ – Aguardem tudo tem o seu tempo³.

R4 – TUDO ESTA MUITO LINDO MANIFESTACAO, LISTA DE MUDANCAS ETC. MAIS O BRASILEIRO PRECISA MUDAR ESSA CULTURA EGOISTA, GANANCIOSA E PRECONCEITUOSA, PARA SER POSSIVEL POR TUDO ISSO EM PRATICA, VAMOS SER HONESTO, PODE MUDAR TODO OS GOVERNANTES QUE O PROBLEMA CONTINUARA PORQUE A MENTALIDADE DO BRASILEIRO NAO MUDOU, ISSO PARESE UM VIRUS

¹ Breno Bonfim, há 4 anos. Seção de comentários ao texto jornalístico Torcida emociona ao cantar hino nacional, e parte protesta de costas. 19/06/2013 16h08 - Atualizado em 19/06/2013 17h43. Retirado de <http://globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2013/06/torcedores-ficam-de-costas-durante-o-hino-que-e-cantado-cappella.html>. Acesso em 4/10/2017.

² CleytonVasilico, há 4 anos. *Idem*.

³ Amélio Sobrinho, há 4 anos. Seção de comentários ao texto jornalístico Opinião: “O gigante acordou, que seja pra melhor. Estudantes criticam violência e explicam violência. 22/06/2013 00h38 - Atualizado em 22/06/2013 01h06, por Maria Julia Wowczyk e Maria Isabel Lemos. Retirado de <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/06/opiniao-o-gigante-acordou-que-seja-para-melhor.html>. Acesso em 4/10/2017.

QUE CONTAMINA TODOS. TEM MAIS GENTE QUERENDO SER POLITICO PRA ROUBAR DO QUE ESTA PENSANDO EM UM PAIS MAIS JUSTO E DE IGUALDADE. ACORDA POVO BRASILEIRO!!! (grifos nossos, em caixa alta no original)⁴

Em R3, vemos o uso de um verso da música “vida de gado” de 1979 interpretada pelo músico Zé Ramalho. O sujeito da enunciação arranja dois enunciados distintos. “POVO MARCADO POVO FELIZ” tal como aparece no comentário do internauta traz implícito o sentido de suposta inferioridade do povo brasileiro; tal como um gado que necessitaria de doma ou de pastoreio, o povo estaria feliz justamente por não necessitar de aparição pública por meio de conquistas de liberdade individual ou direito social, como aparecem nos ideais republicanos pós-Revolução Francesa.

Neste encadeamento dos sentidos, se o povo é marcado é feliz. Se não for marcado, não é feliz. Porém, a marca vocativa “aguardem” mexe com as formações imaginárias, quebra expectativa e deixa em aberto, por meio do uso da expressão proverbial (“tudo tem seu tempo”) que algo estaria porvir; contraditoriamente, esta marca está ancorada na evidência ideológica de que o que estaria porvir não é uma novidade, uma surpresa imprevista ou uma grande mudança, mas a permanência do status quo, uma vez que o apagamento da modalização e o uso do provérbio com efeito de genérico discursivo naturaliza os acontecimentos. Conforme Tfouni (2010), os genéricos discursivos de forma análoga à premissa maior do silogismo, tentam recobrir o real, ao impor uma fórmula discursiva aparentemente pronta e fechada à interpretação

Trata-se de uma paráfrase bíblica retirada do livro do Gênesis; a passagem que se refere ao momento de plantar, de colher, etc. Em outras palavras, a fatalidade do retorno dos ciclos naturais impõe um retorno ao que já está posto, apesar da aparente mudança.

Em R4, o enunciado “o gigante acordou” é parafraseado em “Acorda povo brasileiro”. A partir deste lugar parafrástico, a distribuição de sentidos também ocorre de maneira estável semanticamente, uma vez que o sujeito da enunciação impõe um efeito de declaração de fatos/acontecimentos, a saber: manifestação; mudanças. A apresentação da adversativa “mais” (sic.) é decisiva não pelo efeito de

⁴ Malu Cerqueira, há 4 anos. Seção de comentários ao texto jornalístico Opinião: “O gigante acordou, que seja pra melhor. Estudantes criticam violência e explicam violência. 22/06/2013 00h38 - Atualizado em 22/06/2013 01h06, por Maria Julia Wowczyk e Maria Isabel Lemos. Retirado de <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/06/opiniao-o-gigante-acordou-que-seja-para-melhor.html>. Acesso em 4/10/2017

contradição (que não se instala), mas pela marca de uma prova empírica que se poderia garantir do lugar de um sujeito-leitor. É possível notar uma interpelação pela forma do sujeito-leitor brasileiro. Em R3 e R4, com “aguardem” e “o problema continuará” há uma teleologia que parafraseia a matriz de sentido acima referida no hino.

Além disso, temos a formatação do sujeito-leitor. Conforme Nunes (2003, p.31), uma das formatações estabelecidas no imaginário nacional em torno do leitor é a de julgamento e comprovação no exercício de interpretar, sobretudo, tal como incentivado pela escola. É esta prova que garante o “[...] resultado de uma certa regularidade interpretativa que aparece nas próprias atividades de classe”. Por isso, a zona parafrástica embebida de provas “cabais”, como “ser honesto”, “governantes”, “a mentalidade do povo brasileiro não mudou”. Embora sejam estratégias frágeis do ponto de vista argumentativo, o refúgio nesta posição discursiva está justamente na aposta no sentido transparente.

Fundamentado em evidências ideológicas, que dispensam modalizações ou apontamento de contradições, há um encadeamento de sentidos naturalizados (como “todo político brasileiro é desonesto”, “todo brasileiro é desonesto”; “o povo brasileiro tem mentalidade atrasada”) que dialoga com o que analisamos no primeiro recorte. Trata-se de uma zona de sentidos firmada na evidência da superioridade do estrangeiro, calcada também nos ideais da colonização (NUNES, 1994) e da eugenia (MASIERO, 2005).

Vemos também uma marca de cerceamento do trabalho de intérprete do sujeito-leitor brasileiro, na linha do que Nunes (2003) apontou como uma restrição no acesso ao arquivo; o que, em geral na escola decorre de movimentos de censura e de produções confiscadas por uma “posição vazia” (expressão do autor), entre o autoritarismo e o liberalismo.

A suposta ausência de “ordem” é cara ao imaginário nacional; no recorte 5, em “sou contra a violência” e contrasta com um sentido transparente de “razão da revolta”. A paráfrase dos ideais liberais que apareceram nos acontecimentos políticos decisivos à unidade nacional pode ser vista pelo par “ter ou não ter razão” e “ter ou não ter liberdade”. É possível “querer liberdade” com a “razão da revolta”. Vejamos:

R5 - TááááááTuuuuudo certo! Teemos que Lutar pelo nossos próprios direitos!
Sou contra violencia, mas o governo está colhendo o que plantou, infelizmente

alguns estão pagando, porem não tiro a razão da revolta do povo Brasileiro! Queremos liberdade. O Gigante Acordou⁵.

A oposição entre “lutar versus não lutar”, “ter *versus* não ter razão” e “querer *versus* não querer liberdade” estabiliza o sentido de “o gigante acordou”. Para isto, a posição-sujeito em questão fortalece a evidência de que o “gigante acordou” para aqueles que lutam, tem razão e querem liberdade. Os ideais do Iluminismo europeu são mobilizados sem requerer qualquer modalização para a realidade local. Outra lacuna preenchida pelo “já dito” é em “o governo está colhendo o que plantou” que por meio do uso do genérico discursivo parafraseia “quem planta, colhe”.

A paráfrase lida como aparecimento do que irromperia na ordem da língua, remexendo com sua historicidade e suas marcas simbólicas que recobrem o real das “coisas a saber” (cf. PECHEUX, 1997). Em R6, o uso de “mutirão” e “(m)idiotizado” destoa do que vimos até aqui.

R6– MutirãoJornadas de Junho/2013 ou: E o gigante (m)idiotizado acordou...⁶
(grifos nossos)

O neologismo “(m)idiotizado” aglutina mídia e idiotizado; ou seja, como a mídia teria sido responsável por uma idiotização que culminou nas manifestações de junho de 2013. A marca do significante “mutirão” no lugar de manifestação estabelece também uma ruptura em relação aos outros recortes, uma vez que “mutirão” evoca trabalho braçal. É termo comumente utilizado, por exemplo, para se referir aos modos de construção coletiva de casas nos meios sociais caipiras de até meados do século XX. Além disso, o uso de “jornadas” evoca as ações estudantis como as de maio de 1968 na França. Neste jogo com o parafrástico e o que escapa à regularidade, portanto, o significante “(m)idiotizado” faz irromper um acontecimento discursivo, pois, para lembrar Pêcheux (1997) instala o “outro” no mesmo, a partir das marcas da heterogeneidade discursiva.

Considerações finais

⁵ Bruno Inacio, há 4 anos. Seção de comentários ao texto jornalístico Torcida emociona ao cantar hino nacional, e parte protesta de costas. 19/06/2013 16h08 - Atualizado em 19/06/2013 17h43. Retirado de: <http://globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2013/06/torcedores-ficam-de-costas-durante-o-hino-que-e-cantado-cappella.html>. Acesso em 4/10/2017

⁶ Título de texto de Jose Carlos Lima, publicado em QUI, 01/06/2017 – 07:38. Atualizado em 01/06/2017 – 10:54. Retirado de <https://jornalgqn.com.br/blog/jose-carlos-lima/mutirao-jornadas-de-junho-2013-ou-e-o-gigante-midiotizado-acordou>. Acesso em 4/10/2017. Acesso em 4/10/2017.

Como pudemos mostrar com a análise, o enunciado “o gigante acordou” aparece como paráfrase do hino nacional distribuindo sentidos a partir de regiões semanticamente estabilizadas. Estas regiões estão estabilizadas por um lugar percebido pelo outro (colonizador) e pela instalação de zonas discursivas dominantes como a eugenia. Por este caminho esta estabilidade distribui sentidos dominantes sobre o imaginário nacional que aparentam debate, mas que contornam lacunas e brechas a serem interpretadas pelo analista. Embora haja um sufocamento do debate, um apagamento da polissemia, também é possível notar marcas de acontecimento discursivo que ratificam a não transparência da linguagem e um sujeito à deriva.

Referências

- CORACINI, M.J. O discurso científico primário e outros discursos. IN.: CORACINI, M.J. **Um fazer persuasivo: o discurso subjetivo da ciência**. 2^a.ed. Campinas/SP: Pontes. 2007. 41-46.
- GINZBURG, C. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e História**. São Paulo/SP: cia das Letras. 1989.
- MASIERO, André Luís. A Psicologia racial no Brasil (1918-1929). **Estud. psicol. (Natal)**, Natal, v. 10, n. 2, p. 199-206, Aug. 2005. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413294X2005000200006&lng=en&nrm=iso>.accesson 10 Oct. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2005000200006>.
- NUNES, José Horta. **Formação do leitor brasileiro: imaginário da leitura no Brasil colonial**. Campinas: UNICAMP, 1994.
- NUNES, J.H. Aspectos da forma histórica do leitor brasileiro na atualidade. In.: ORLANDI, E.L.P. (org.). **A leitura e os leitores**. 2a.ed. Campinas/SP: Pontes editores. 2003. 25-46.
- ORLANDI, E.L.P. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Campinas/SP: Pontes. 2001.
- ORLANDI, E. P. A leitura proposta e os leitores possíveis. In.: ORLANDI, E.L.P. (org.). **A leitura e os leitores**. 2a.ed. Campinas/SP: Pontes editores. 2003. 7-25.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. (1975). 2. ed. Tradução de EniPulcinelliOrlandi, LorencçoChacon J. Filho, Manoel Luiz GonçalvesCorrêa e Silvana M. Serrani. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.
- PÊCHEUX, M. **Discurso: estrutura ou acontecimento?** Campinas/SP: Pontes. 1997.
- PÊCHEUX, M. Papel da memória. In.: PÊCHEUX, M. **Papel da memória**. Campinas/SP: Pontes. 1999. 49-57.

- PFEIFFER, C.C. A língua nacional no espaço das polêmicas do século XIX/XX. In.: ORLANDI, E.L.P. (org.). **História das Ideias Linguísticas no Brasil: construção do saber metalinguístico e constituição da língua nacional.** Campinas/SP: Pontes; Cáceres/MT: UNEMAT. 2001. 167-185.
- SALIBA, E.T. A dimensão cômica da vida privada na República brasileira. In.: SEVCENKO, N. (org.). **História da Vida Privada no Brasil – vol. 3: República – da Belle Époque à Era do Rádio.** 2^a.ed. São Paulo/SP: Companhia das Letras editora. 2012. 289-367.
- SEVCENKO, N. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In.: SEVCENKO, N. (org.). **História da Vida Privada no Brasil – vol. 3: República – da Belle Époque à Era do Rádio.** 2^a.ed. São Paulo/SP: Companhia das Letras editora. 2012. 513-619.
- SWEIG, S. **Brasil país do futuro.** Tradução de Odilon Gallotti. Rio de Janeiro/RJ: Guanabara. 1941.
- TFOUNI, L. V. **Letramento e alfabetização.** 9^a.ed. São Paulo/SP: Cortez. 2010.

Artigo recebido em: 10/10/2017

Aprovação final: 08/05/2018